

## Processo de Coordenação e Subordinação

A análise sintática "serve" para examinar o texto, as suas estruturas e os elementos que o compõem. O texto é composto por orações e períodos. A oração é uma frase que possui verbo, enquanto o período é o conjunto de orações. Exemplo:

A menina caiu da bicicleta quando fez a curva.

Nesse exemplo há duas orações porque há dois verbos ("cair" e "fazer"). Entenda que, cada termo da oração tem uma função específica e é isso que a análise sintática tem como objetivo, determinar essa função. E esses termos podem ser classificados como essenciais, integrantes e acessórios.

Essenciais: sujeito e predicado.

Integrantes: objeto direto e objeto indireto, complemento nominal e agente da passiva.

Acessórios: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto.

Essenciais E Integrantes

Observe a frase:

A menina pegou a bola.

"A menina" é o sujeito e "pegou a bola" é o predicado. O verbo é o "pegar" que é classificado como transitivo direto e "a bola" é o complemento do verbo, o objeto direto.

Uma forma de determinar a classificação dos objetos é perguntando ao verbo. Veja: quem pega, pega alguma coisa. Quando a pergunta não necessita de uma preposição, o verbo é transitivo direto. Observe a diferença nessa frase:

Eu preciso de você.

O verbo precisar é transitivo indireto. Faça a pergunta: quem precisa, precisa "de" alguém. O termo "de" é uma preposição, logo, a expressão "de você" é um objeto indireto.

O complemento nominal serve para complementar um termo que não seja verbo dentro da oração. Diferentemente do objeto indireto, o complemento nominal completa um substantivo, adjetivo e advérbio e não um verbo. Por exemplo: A menina teve orgulho do pai. A expressão "do pai" complementa o sentido de "orgulho".

O agente da passiva sempre está acompanhado de duas preposições, "por" e "de". Se o verbo estiver na voz passiva, o agente será aquele que praticará a ação do verbo. Veja: O pássaro foi capturado pelos agentes. A expressão "pelos agentes" é o agente da passiva.

## Acessórios

Já os termos que são acessórios na oração caracterizam algo. O adjunto adnominal, por exemplo, especifica o substantivo. Não há uma regra específica, pode ser artigos, locuções, pronomes, adjetivos e mais. Exemplo: Seu olhar singelo é lindo. O termo "singelo" é o adjunto adnominal. Veja outro exemplo: O passeio de barco me cansou. A expressão "de barco" é um adjunto adnominal.

Por outro lado, o adjunto adverbial funciona como advérbio dentro da oração. Logo, vamos rever os tipos de advérbios: afirmação, negação, intensidade, dúvida, tempo, companhia, causa, finalidade, lugar, meio e assunto. Exemplo: Isso está muito difícil! O termo "muito" é um adjunto adverbial.

E o aposto explica um termo na oração. Exemplo: A Carol, menina sapeca, entrou na escola. A expressão "menina sapeca" está explicando quem é a Carol. A expressão é o aposto da oração.

## Coordenação e Subordinação

Dentro da análise sintática, os períodos podem ser classificados em: composto por coordenação, subordinação ou coordenação e subordinação.

O período de coordenação é composto por orações que são autônomas, independentes entre si, mas que juntas complementam o sentido da frase. Exemplo: Eu dormi e sonhei com você. Observe que ambas as orações são independentes, isto é, fazem sentido se fossem separadas.

Já o período composto por subordinação apresenta orações que são dependentes entre si, são subordinadas. Veja: O bolo que ela fez ainda deixava lembranças. As duas orações não podem ser separadas.

E ainda há o período composto por coordenação e subordinação que, nada mais é, a junção dos dois. Exemplo: O juiz entrou na quadra e permitiu que o jogo começasse. Há três orações. As duas primeiras são coordenadas e a terceira é subordinada.

Existem 5 tipos de classificações para orações coordenadas:

Oração coordenada aditiva: acresce uma informação. Ex: Eu dormi e sonhei.

Oração coordenada adversativa: apresenta um contraste. Ex: Eu passei no vestibular, mas não sei se é isso que quero.

Oração coordenada alternativa: apresenta alternância. Ex: Ora você gosta de mim, ora você some.

Oração coordenada conclusiva: conclui a ideia. Ex: Não gosto daqui. Portanto, pedirei a minha demissão.

Oração coordenada explicativa: tem como objetivo explicar. Ex: Você está errado porque tenho provas.

Já no período de subordinação há duas categorias: orações subordinadas adjetivas (função de adjetivo) e orações subordinadas adverbiais (função de advérbio).

#### Orações Subordinadas Adjetivas

Orações subordinadas adjetivas podem ser duas: restritivas e explicativas. As restritivas limitam o que a frase quer dizer. Exemplo: Se não fosse pela mulher que me ajudou, não teria conseguido. O sentido da “mulher” é único, não é generalizado, é específico, é uma mulher X. Já nas orações explicativas, o sentido é mais abrangente: O homem, um ser racional, busca ser melhor em todos os campos da vida. A expressão “um ser racional” está entre vírgulas e, portanto, está generalizando todos os homens não apenas um.

#### Orações Subordinadas Adverbiais

Podem ter 9 classificações:

Oração subordinada adverbial causal: expressa causa. Ex: Não posso opinar, uma vez que não tenho direito.

Oração subordinada adverbial concessiva: indica permissão. Ex: Você pode fazer isso, mesmo que não tenha experiência.

Oração subordinada adverbial condicional: expressa condição. Ex: Se você conseguir, ganhará uma recompensa.

Oração subordinada adverbial comparativa: indica uma comparação. Ex: Os olhos azuis são bonitos como o do pai.

Oração subordinada adverbial consecutiva: relação de causa e consequência. Ex: Acordei tão atrasado que não consegui entrar na faculdade.

Oração subordinada adverbial final: indica uma finalidade. Ex: Eu fiz isso para subir na vida.

Oração subordinada adverbial temporal: expressa tempo. Ex: Chorei por você quando foi embora.

Oração subordinada adverbial proporcional: indica proporção. Ex: Fui amolecendo à medida que percebi que te amava.

Oração subordinada adverbial conformativa: expressa conformidade. Ex: Fiz o que você pediu conforme as regras.

### Coordenação e Subordinação

Para compreender a estrutura sintática de uma frase, ou seja, a análise em relação à organização da mesma, que é dividida em coordenação e subordinação; primeiramente deve-se entender o que é frase; e, de acordo com Mattoso Câmara, nada mais é do que “unidade de comunicação linguística, caracterizada [...] do ponto de vista comunicativo – por ter um propósito definido e ser suficiente pra defini-lo, e do ponto de vista fonético – por uma entonação [...] que lhe assinala nitidamente o começo e o fim.”.

Seguindo a linha de definição acerca de frase escrita, Perini diz que se inicia com letra maiúscula e finaliza com algum sinal de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação etc), todavia, outros gramáticos não delimitam a necessidade de pontuação para a constituição de frase.

O vocábulo definido acima ainda pode ser uma oração, mas a última não é sinônimo de frase; isto é, uma oração possui verbo, mas uma frase não precisa de verbo para ser denominada como tal, sendo assim, toda oração (ou conjunto de orações = período) é uma frase (exemplo: Abra o livro na página 4 e Faça um bolo e entregue a Maria), porém, nem toda frase é uma oração (exemplo: O caderno amarelo da filha de João da Silva).

Quanto a período (ou enunciado) – que é a soma dos elementos estruturais da frase e tem a necessidade da pontuação –, este pode ser simples ou composto; sendo por composição, será subdividido em coordenação (semântica + sintática) e subordinação (“... é o emprego de um nível mais elevado no lugar de outro de nível inferior”, BACK). Outro ponto a ser frisado é que composição por aposição difere-se de composição por coordenação, pois a primeira admite expressões explicativas (isto é; quero dizer) e expressões retificadoras (minto; aliás).

Ainda em relação à composição por aposição, Back enumera dois tipos de aposição: identificadora (“Pedro Álvares Cabral, um almirante português, descobriu o Brasil.”) e retificadora (“João, minto, Pedro veio até a sala.”), e ambas exercem a mesma função sintática.

A locução subordinante também tem duas classificações, podendo ser complexa ou unitária. A primeira refere-se a uma locução verbal (Ex. Amanhã, todos os alunos irão fazer o teste), enquanto a segunda, como o próprio nome diz, é composta por um único verbo (Ex. Ontem, Pedro fez o exame).

A explanação de alguns termos, como hipotaxe (subordinação) – estrutura muito complexa que pode ser reduzida – e parataxe – termo equivalente para a coordenação –, hipertaxe – palavra que exerce um grande significado, como, por exemplo, um substantivo com significado maior – é também bastante válida para uma compreensão clara e coerente. Além disso, vale ressaltar que pronome sempre tem função sintática.

### Coordenação e Subordinação

Quando um período é simples, a oração de que é constituído recebe o nome de oração absoluta. Por exemplo:

A menina comprou chocolate.

Quando um período é composto, ele pode apresentar os seguintes esquemas de formação:

a) Composto por Coordenação: ocorre quando é constituído apenas de orações independentes, coordenadas entre si, mas sem nenhuma dependência sintática.

Por Exemplo: Saímos de manhã e voltamos à noite.

b) Composto por Subordinação: ocorre quando é constituído de um conjunto de pelo menos duas orações, em que uma delas (Subordinada) depende sintaticamente da outra (Principal).

Por Exemplo:

Não fui à aula	porque estava doente.
----------------	-----------------------

Oração Principal	Oração Subordinada
------------------	--------------------

c) Misto: quando é constituído de orações coordenadas e subordinadas.

Por Exemplo:

Fui à escola	e busquei minha irmã	que estava esperando.
Oração Coordenada	Oração Coordenada	Oração Subordinada

Obs.: qualquer oração (coordenada ou subordinada) será ao mesmo tempo principal, se houver outra que dela dependa.

Por Exemplo:

Fui ao mercado	e comprei os produtos	que estavam faltando.
----------------	-----------------------	-----------------------

### Coordenação x Subordinação

#### Sintaxe

Entender o processo de coordenação e subordinação e explicar o funcionamento das orações subordinadas adjetivas explicativas fica muito mais lógico pela ótica da sintaxe

Sempre pergunto a meus alunos qual é a diferença entre orações coordenadas e subordinadas. Invariavelmente, a resposta é que as primeiras são independentes, e, as segundas, dependentes.

Ora, quando se começa a operar a sintaxe, que é a movimentação das palavras do eixo paradigmático para o sintagmático com a finalidade de gerar sentido, semântica, todas as palavras estabelecem, entre seus pares sintagmáticos, uma indissociável subordinação.

Ou seja, na sintaxe, a relação entre as palavras quando contraem funções é de subordinação. Assim, se digo “A menina vendia doces na praia”, todas as palavras dessa oração estão em relação de absoluta subordinação, quer sintática, quer semântica. E fonética, se a frase for falada.

É fácil confirmar essa asserção: quando empregamos o artigo A, ele necessariamente precisará do substantivo a que se refere (menina) e ao qual é subordinado e ambos formam um sintagma nominal, contraindo a função de sujeito, sintagma que exige, pois, a presença do predicado (“vendia doces na praia”). Ao usarmos o verbo “vender” como núcleo do predicado, ele exige aqui o seu complemento, o objeto direto, no caso “doces”.

Como o fato principal (“vender doces”) é de sentido amplo (por exemplo, onde?, quando?), é muito conveniente, para completar a informação, que venha acompanhado de um fato secundário, a circunstância. No caso de nossa oração, veio a circunstância de lugar, representada pelo adjunto adverbial “na praia”, o qual, dentro de si, já traz subordinação do artigo ao substantivo, além da subordinação do próprio adjunto ao verbo “vender”.

Como se percebe, subordinação absoluta dentro da sintaxe.

#### O “Amor” Entre as Palavras

A relação subordinante-subordinado é indispensável na sintaxe, nas contrações de funções pelas palavras, quer no período simples, quer no composto. Sem essa contração, essa simbiótica relação vocabular, a sintaxe não cumpriria seu objetivo: gerar sentido.

Gladstone Chaves de Melo acha estranho que haja atração (e, no caso, subordinação) entre elementos virtuais, quando analisa e rebate, em sua ótima Gramática Fundamental da Língua Portuguesa, Ed. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 2. ed, 1970, p. 373, com certo inconformismo, o problema da atração de certas palavras a pronomes oblíquos:

“Ora, uma palavra não pode atrair outra, porque, uma vez pronunciada, deixa de existir, ao passo que a outra, a supostamente atraída, ainda não existe. Isto, sem considerar que palavra é acidente de acidente, momentâneo resultado da passagem do ar pelos órgãos articuladores em determinada momentânea posição.”

O grande mestre levou em consideração apenas a atração oral, mas o fato é que, apesar da estranheza dele por essa atração “virtual”, há mesmo, no campo da fala, atrações entre o que existe e o que ainda vai existir, e vice-versa. Digamos que seja algo que ocorre lá no pensamento — abstrato, portanto — e jorra para o real, para o concreto, para o sonoro. Mas é preciso levar em conta também a atração gráfica.

É só percebermos o verdadeiro papel de potente ímã que as palavras de sentido relativo exercem sobre as palavras que lhe serão complementos. Ou a atração que o substantivo exerce sobre artigos, adjetivos, pronomes etc. Há, entre as palavras, uma relação de amor infinito. Ou seja, uma palavra não tem vida nem utilidade sem as demais palavras.

Mesmo uma simples palavra afixada sobre, digamos, um frasco esclarecendo o seu conteúdo, “ácido”, por exemplo, só sobreviverá se, ao lermos, fizermos toda a cadeia de decodificação para entendermos: “aqui tem ácido e isso representa perigo, é preciso cuidado” etc. E essa decodificação é feita, como se viu, por muitas outras palavras. Amor, a atração das atrações, por ser inquestionável, é mesmo a palavra que define a relação entre as palavras.

### **A Diferença entre Subordinadas e Coordenadas**

Visto isso, qual a diferença entre orações subordinadas e coordenadas? A diferença básica é que as orações subordinadas são (exercem) funções sintáticas dentro da oração principal, e as coordenadas não exercem funções sintáticas.

### **As Funções Sintáticas das Orações Subordinadas**

De acordo com a NGB (Nomenclatura Gramatical Brasileira), as orações substantivas exercem, dentro da oração principal, as seguintes funções sintáticas: sujeito, objeto direto, objeto indireto, complemento nominal, predicativo e aposto; enquanto as orações subordinadas adverbiais funcionam como adjunto adverbial dentro da oração principal; e as orações subordinadas adjetivas exercem a função sintática de adjunto adnominal.

Numa sequência como “Chegamos cedo, tomamos um cafezinho, conversamos sobre política e futebol e, finalmente, fomos trabalhar”, temos quatro orações coordenadas, porque nenhuma delas exerce função sintática dentro de outra. Mas é claro que, entre elas, há uma dependência semântica (além da dependência sintática entre as funções que existem dentro de cada oração), sem a qual não transmitiríamos essa informação.

Já em “Tenho medo de que ele sucumba”, temos duas orações, a primeira, chamada principal, é “Tenho medo”, cujo sujeito é “eu”, oculto, o verbo é transitivo direto e tem como objeto direto a palavra “medo”. Esse substantivo “medo” é palavra de sentido relativo e solicita um complemento nominal, que é a oração “de que ele sucumba”.

Portanto, essa oração é subordinada por exercer a função de complemento nominal do termo “medo” dentro da oração anterior, que lhe é principal porque um dos seus termos a tem como complemento nominal. A omissão da preposição, possível por se tratar de oração, não muda sua função sintática. Ou seja, em “Tenho medo que ele sucumba”, a oração “que ele sucumba” continua sendo complemento nominal do substantivo “medo”, que, por sua vez, é o núcleo do objeto direto do verbo “tenho”.

### **Nomenclatura Gramatical Brasileira**

Criada em 1958, a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) representou um grande avanço no ensino do Português no Brasil ao padronizar padronizações e classificações.

Até então, cada gramático utilizava denominações próprias para as funções sintáticas, orações subordinadas e classes gramaticais — o objeto indireto, por exemplo, também era chamado de “complemento terminativo” ou “complemento relativo” —, o que tornava quase impossível a homogeneidade no ensino de gramática.

A NGB foi desenvolvida por uma comissão de grandes estudiosos da época (como Antenor Nascentes, Rocha Lima e Celso Cunha) e estabeleceu uma divisão esquemática dos conteúdos gramaticais, unificando e fixando a nomenclatura a ser usada pelos professores no ensino escolar. Em 1959, o governo de Juscelino Kubitschek, numa portaria recomendou sua adoção em todo o território nacional.

### **Adjetivos e Orações Adjetivas Restritivas e Explicativas**

Antes da reforma gramatical imposta pela Nomenclatura Gramatical Brasileira, em 1959, os adjetivos também eram classificados em restritivos e explicativos. É fácil notar a diferença, por exemplo, do adjetivo FRIO quando se relaciona a gelo ou a mão, e do adjetivo ESCURO quando se refere a noite ou a pele. Necessariamente todo gelo é frio e toda noite é escura, mas nem toda mão é fria nem toda pele é escura.

No primeiro caso (gelo frio e noite escura), os adjetivos são meros epítetos, meros qualificadores e não elementos distintivos de substantivos de mesma espécie. Eram classificados como adjetivos explicativos. Já no segundo caso (mão fria e pele escura), os adjetivos não só qualificam como também distinguem os respectivos substantivos, uma vez que nem toda mão é fria, nem toda pele é escura. Eram classificados como adjetivos restritivos.

Essa classificação desapareceu para os adjetivos, mas foi mantida para as orações subordinadas adjetivas, que funcionam como adjunto adnominal, geralmente do termo que antecede o pronome relativo. Quando trabalhamos com orações subordinadas adjetivas restritivas, essa constatação da função delas como adjunto adnominal não é problemática. Mais difícil é achar e aceitar a função de adjunto adnominal de uma explicativa.

Em “O gol que a Holanda marcou desmontou a seleção brasileira”, não fica nenhuma dúvida de que a oração em destaque é adjunto adnominal do substantivo “gol” da oração anterior, qualificando e distinguindo o gol holandês de outro gol qualquer. Há nessa oração a grande força distintiva do adjetivo nesse papel. A oração “que a Holanda marcou” pode até ser substituída pelo adjetivo holandês, “O gol holandês”, como fiz logo acima.

Porém, em “O gol, que é a alegria e a tristeza no futebol, embeleza ainda mais o espetáculo”, a oração destacada é adjetiva explicativa e atua apenas como um epíteto, um mero qualificador, isto é, não distingue esse gol de outro gol. Sua função sintática é tão de adjunto adnominal como a do adjetivo frio na frase “O gelo frio eriçava ainda mais os pelos de sua perna”.

Só que no caso do período em estudo, a oração se separa do substantivo a que se refere pelas vírgulas, por dois basilares motivos.

Primeiro, por ser oração explicativa e, apesar de exercer função sintática, é meramente intercalada, ou seja, algo que se coloca no meio de outra oração para algum esclarecimento, alguma qualificação; segundo, pela necessária ênfase que esse esclarecimento traz na sua essência, responsável pela informação implícita.

E não pode ser retirada do texto, como alguns professores ensinavam antigamente, porque sua omissão desvirtuaria a informação implícita que há nas orações adjetivas. Explicitamente, isto é, na superfície do texto, informa-se que o gol embeleza o espetáculo e que é a alegria ou a tristeza no futebol.

Implicitamente a oração adjetiva nesse texto mostra que qualquer gol provoca alegria ou tristeza, não há distinção.

Na oração anterior, explicitamente informa-se que a seleção brasileira sofreu um gol e que esse gol a desarticulou. Implicitamente a oração adjetiva distingue o gol holandês de outro gol qualquer, não foi outro gol que desmantelou nossa seleção, mas o holandês. Em outras palavras, as orações adjetivas também dizem nas entrelinhas, no não dito. São, pois, indispensáveis.

### **As Adjetivas Explicativas e a Causa**

Os usuários que tenham, no mínimo, razoável competência linguística percebe que boa parte das adjetivas explicativas apresenta um leve sabor de causa em relação ao que ocorre na oração principal. Não, não, não são orações adverbiais causais. Apenas nos fazem sentir essa breve sensação de causa, sem ser a causa. Vejamos alguns exemplos:



“O gol, que é a alegria e a tristeza no futebol, embeleza ainda mais o espetáculo.” (O gol, porque é a alegria e a tristeza no futebol, embeleza ainda mais o espetáculo).

Com a adjetiva, apenas esclarecemos o papel embelezador do gol e apenas sugerimos a causa; com o segundo exemplo, “porque é a alegria e a tristeza no futebol”, nossa intenção é realmente mostrar a causa do embelezamento do espetáculo pelo gol. Essa mesma explicação vale para os exemplos abaixo.

“Deus, que é nosso pai, perdoa nossos pecados.” (Deus, por ser nosso pai,).

“As emissoras de São Paulo, que deram a falsa notícia, serão punidas.” (As emissoras de São Paulo, porque deram a falsa notícia,)

Aliás, na oração que demos acima com adjetivo explicativo, “O gelo frio eriçava ainda mais os pelos de sua perna”, também se pode sentir esse saborzinho de causa no adjetivo frio: “O gelo, por ser frio, eriçava ainda mais os pelos de sua perna”. Se colocássemos esse adjetivo entre vírgulas, o saborzinho passaria já a sabor.

Só que agora o adjetivo pode ser percebido de duas maneiras: 1) com a mesma função de mero adjunto adnominal do substantivo qualificado, ou 2) como a parte visível de uma oração adverbial causal: “O gelo, frio, eriçava ainda mais os pelos de sua perna”, ou seja, “O gelo, por ser frio, eriçava ainda mais os pelos de sua perna”.

### **Semântica**

Semântica foi o tema da capa da edição 25 da CONHECIMENTO PRÁTICO LÍNGUA PORTUGUESA, em texto assinado por Edmilson José Sá, que inicia o texto explicando: “Desde os escritos do pai da Linguística, Ferdinand de Saussure, o conceito de significado figura entre os elementos-chave na reflexão linguística. De tão importante, ele ganhou até um ramo próprio para seu estudo. É a Semântica, que se preocupa justamente com os sentidos adquiridos pelas palavras ou lexias ou pelos seus agrupamentos.”

Como se pode ver, há um insubstituível papel da morfologia e da sintaxe. A morfologia é a matéria-prima manipulada pela sintaxe para, ao combinar as palavras, fazê-las contrair funções e gerar o terceiro elemento do tripé: a semântica. Agora, como essa semântica é demonstrada como resultado dessa contração é questão de estilo individual, é papel da estilística.

### **As Adjetivas e o Aposto**

Não por acaso o adjunto adnominal e o aposto são funções acessórias na sintaxe. Que fique claro aqui que acessório em linguagem não é como um acessório num carro. Em linguagem, o acessório é tão importante e tão indispensável quanto o essencial e o integrante. Por exemplo, nos nomes de ruas, cidades ou outros elementos geográficos, temos um núcleo e um aposto, mas não podemos separar um do outro. Assim, em Avenida São João, o “São João” é aposto de avenida e não pode, de forma alguma, ser separado por vírgula ou suprimido.

Sabemos que um substantivo é modificado pelos seus adjetivos (artigo, adjetivo, numeral e pronome), que funcionam como adjuntos adnominais na mesma função sintática em que esse substantivo é o núcleo.

Porém, às vezes, essa força adjetiva é exercida por outro substantivo, ou seja, na mesma função sintática há um núcleo substantivo e outro substantivo acrescentando uma ideia acessória qualquer a esse núcleo.

A esse papel de um substantivo atuando como adjetivo e exercendo a função sintática de adjunto adnominal, por causa da hierarquia (substantivo é sempre igual a outro substantivo em termos hierárquicos) é que se dá o nome de APOSTO, ou seja, colocado um ao lado do outro. Em outras palavras, o aposto é a função adjunto adnominal exercida por substantivo.

Em outras palavras, as orações adjetivas também dizem nas entrelinhas, no não dito. São, pois, indispensáveis.

**Causa: Nem Todas São Iguais...**

É bom esclarecer que há adjetivas explicativas que não apresentam esse saborzinho de causa. Em “O jovem, que esteve aqui hoje cedo, é o novo médico da família.”, frase só possível se o referido jovem for o assunto da conversa entre o locutor e o interlocutor, a adjetiva explicativa destacada não passa o mesmo sabor de causa dos exemplos anteriores, uma vez que o jovem não é o novo médico por ter estado lá (aqui) hoje cedo.

E, como as anteriores, não pode ser dispensada porque sua informação implícita mostra um jovem conhecido do locutor e do interlocutor, portanto, não distintiva. Essa mesma oração sem as vírgulas (“O jovem que esteve aqui hoje cedo é o novo médico da família.”) passa a ser restritiva porque acrescenta a informação implícita distintiva, isto é, distingue esse jovem de outro e necessariamente representa um contexto diferente da oração anterior, entre vírgulas.

E é por isso também que o aposto pode ser, como as orações adjetivas, restritivo ou explicativo. Se dizemos, em 2010, “O presidente do Brasil, Lula, viajou bastantes vezes ao exterior”, o substantivo Lula, exercendo o papel de adjunto adnominal, recebe o nome de aposto, exatamente por ser substantivo modificando substantivo, e é explicativo porque não distingue esse presidente de outro presidente. Em 2010, o presidente do Brasil era mesmo o Lula.

Porém, em qualquer momento, se dizemos “O ex-presidente do Brasil Fernando Henrique Cardoso também viajou bastantes vezes ao exterior”, o substantivo Fernando Henrique Cardoso, exercendo o mesmo papel de adjunto adnominal e também pelos mesmos motivos acima, é chamado de aposto, só que agora restritivo, porque distingue esse ex-presidente dos demais ex-presidentes.

E é por isso que Lula, aposto meramente explicativo, está e deve vir entre vírgulas, e Fernando Henrique Cardoso, aposto distintivo, não está e não pode ser colocado entre vírgulas. Se o colocássemos entre vírgulas, mudaríamos a informação implícita e diríamos a nosso ouvinte/leitor que, desde 1889, só há um ex-presidente, o que é absolutamente falso.

Resta aqui enfatizar que num texto podemos captar informações explícitas e implícitas, ou seja, lemos as linhas e as entrelinhas. Na superfície do texto, ou seja, nas linhas, captamos as informações explícitas; no profundo do texto, ou seja, nas entrelinhas, no não-dito, captamos as informações implícitas. E as orações adjetivas atuam fortemente nas duas linhas, razão por que é preciso realmente tomar cuidado com a pontuação, para que não se desvirtuem as informações implícitas.

**Confusão entre Oração Adjetiva e Oração Apositiva**

Esclarecido isso, e para encerrar, podemos tratar agora de uma confusão plausível entre oração subordinada adjetiva e oração subordinada substantiva apositiva. Essa confusão é possível porque o aposto, como vimos, é de fato um adjunto adnominal, só que exercido por substantivos ou equivalentes.

Vejamos como são semelhantes os fatos expressos nos dois períodos abaixo:

A ideia que ele nos deu acrescerá muito a nosso objetivo de lazer.

A ideia dele, que viajássemos a Portugal, acrescerá muito a nosso objetivo de lazer.

A primeira, equivalente ao adjetivo participípio DADA (“A ideia dada acrescerá muito a nosso objetivo de lazer”) é adjetiva restritiva e funciona como adjunto adnominal do substantivo “ideia” da oração principal. A segunda, equivalente à expressão substantiva “uma viagem a Portugal”, é substantiva apositiva, pois equivale a um substantivo (viagem) esclarecendo outro substantivo (ideia).

No primeiro caso, podemos substituir o “que” por “a qual”; na segunda, o que ocorre por parte do ouvinte/leitor é uma pergunta sobre algo que precisa ser esclarecido. A pergunta é: “que ideia?”. A resposta é um aposto:

“A ideia dele, uma viagem a Portugal, acrescerá muito a nosso objetivo de lazer”. Mas, como ela é expressa por uma oração, temos oração subordinada substantiva apositiva. E isso também já desmonta aquela asserção de que as orações apositivas vêm somente depois de dois pontos.



Como se vê, nossa língua apresenta tantos caminhos e soluções que jamais poderá ter a exatidão matemática ou física. As linhas, entrelinhas e meandros de um texto provocam discursos sempre à espera de que lhes captem as minúcias. Um usuário competente sabe manejá-la e atingir seus objetivos.

### **Revendo a Coordenação e a Subordinação nas Gramáticas e no Ensino do Português**

Este trabalho tem como objetivo uma re-análise dos processos de coordenação e subordinação a partir dos compêndios gramaticais e difundidos nas aulas de Língua Portuguesa, cuja temática são os estudos de análise das orações.

Considerando a análise dos manuais gramaticais no que toca à coordenação e à subordinação, percebemos que tais fenômenos são abordados a partir de um corpus formado por frases isoladas e descontextualizadas que, às vezes, não mostram visão semântico pragmática.

A análise das orações está fundamentada nos critérios meramente sintáticos ou formais. Tais critérios, sem os componentes semânticos e pragmáticos, não mostram, com clareza, o uso efetivo da língua.

Não podemos falar em coordenação ou subordinação sem fazermos referência às orações: coordenada, principal e subordinada, uma vez que essa tripartição é constante nas gramáticas e nas aulas de sintaxe do português.

Procedemos à análise de dez manuais gramaticais, considerando como são abordadas as orações nesses manuais e, conseqüentemente, os exercícios de análise linguística do período composto quer por coordenação quer por subordinação.

### **Referencial Teórico**

A Gramática Tradicional traça diretrizes para o estudo das orações a partir da classificação dos constituintes oracionais em termos essenciais (sujeito e predicado), integrantes (complementos, agente da passiva e predicativos) e acessórios (adjuntos e aposto), procurando inserir os elementos da oração nessas funções. Cada termo recebe a classificação de acordo com a função exercida.

CARONE (1994: 11) considera como função a relação de dependência que os elementos da oração estabelecem entre eles.

Os constituintes de uma oração apresentam – se em dois processos: o processo de ordem e de dependência.

De ordem, porque há uma sequência, e de dependência, porque os termos se articulam no processo de hierarquia, para formar as frases.

Essa articulação é dada graças à conexão sintática, daí vem o processo da subordinação.

A Nomenclatura Gramatical Brasileira usa os termos coordenação e subordinação quando faz alusão ao período composto. Será que em uma oração não há tais processos sintáticos?

A Gramática Tradicional traça diretrizes para o estudo das orações a partir da classificação dos constituintes oracionais em termos essenciais (sujeito e predicado), integrantes (complementos, agente da passiva e predicativos) e acessórios (adjuntos e aposto), procurando inserir os elementos da oração nessas funções. Cada termo recebe a classificação de acordo com a função exercida.

Para AZEREDO (1995: 49), “o processo por excelência é, portanto, a subordinação, meio que consiste em prover as unidades que formam os sintagmas que constituem as orações”.

As palavras se organizam num processo de hierarquia, ou seja, num processo de subordinação. Nenhuma língua viva ou morta conhece uma frase organizada por coordenação.

A subordinação é responsável pela estrutura da frase, como também pela interpretação semântica.

### **Orações Coordenadas**

A doutrina tradicional e ortodoxa considera a oração coordenada como uma oração independente no período. Esse conceito ainda hoje se apresenta em algumas gramáticas e difundido por alguns professores nas aulas de sintaxe.

KOCH (1995: 124) diz que as coordenadas são orações independentes do ponto de vista estrutural, ou seja, não há encaixe de uma oração em outra.

Apesar de uma coordenada apresentar autonomia sintática, ocorre uma combinação que estabelece entre elas uma vinculação semântica, como por exemplo:

(1) Estudou, mas não obteve bom resultado.

As gramáticas consideram as duas orações independentes, sendo que a idéia de adversidade não está apenas no conectivo, como afirmam os gramáticos, e sim entre as duas orações, ocorrendo assim a vinculação semântica[1] (c.f. KOCH).

BARRETO (1994: 10) afirma que as orações coordenadas devem possuir a mesma estrutura sintático-gramatical.

Na verdade, nestas orações há um mecanismo de encadeamento de idéias, ocorre uma dependência semântica que estabelece entre elas uma subordinação.

GARCIA (1990: 21), analisando o processo da coordenação, afirma a existência de uma falsa coordenação. Há, portanto, a coordenação gramatical e a subordinação psicológica.

BECHARA (1999: 476) considera a coordenação como um grupo oracional formado por orações independentes do ponto de vista sintático.

KURY (1995: 16) reconhece as coordenadas como orações – frases, porque cada oração é capaz de formar um período.

Essa afirmação, por apresentar uma série de interpretações e controvérsias, não pode ser feita para todas as orações coordenadas.

Para CARONE (op. cit.), as coordenadas são duas orações que se encontram, uma não é parte da outra. Não há o processo de encaixamento entre elas.

Segundo FÁVERO (1990: 52), será necessária uma reanálise nos conceitos de coordenação e subordinação, uma vez que é estabelecido entre as orações um processo de interdependência no qual todas elas são necessárias para o processo de análise e compreensão do texto.

As orações que constituem um período, não importa se são coordenadas ou subordinadas, estão inter-relacionadas, formando um todo. É a “subordinação psíquica”. (c.f. Gili Y Gaya apud. FÁVERO op. cit).

Embora as orações coordenadas sejam classificadas como independentes, exprimem uma relação semântica que exige a presença de duas ou mais orações, conforme podemos observar na sentença:

Venha cedo, porque vai chover.

A explicação porque vai chover semanticamente está subordinada a venha cedo e vice-versa.

Os exercícios adotados pelas gramáticas para separação e classificação das orações, partindo apenas da idéia expressa pelo conectivo, proporcionam um estudo fragmentado, como se o texto fosse um emaranhado de frases, reforçando assim o mito da autonomia das orações. (grifo meu).

As Orações Subordinadas

Na subordinação, encontramos o binômio: oração principal e oração subordinada.

Os exercícios para memorização estão fundados nos enunciados:

- Classifique as orações em destaque;
- Separe a oração subordinada e classifique – a.

Como separar uma oração que está encaixada na outra?

Que critérios usam os gramáticos para definir uma oração principal, considerando o processo de uma oração está encaixada na outra?

Analisando alguns manuais gramaticais, encontra-mos vários conceitos para as orações subordinada e principal.

Analisando alguns manuais gramaticais, encontra-mos vários conceitos para as orações subordinada e principal.

Os estudos estão voltados para a estruturação e segmentação do período, como se as orações que formam uma sentença não estivessem interligadas.

SPALDING (1980) retoma o conceito de oração principal na visão de alguns gramáticos, comparando – os com os mais recentes, notamos que pouco mudou:

“Oração principal é a que tem sentido principal no período.” (Napoleão Mendes de Almeida).

“Oração principal é que encerra o pensamento fundamental no período.” (Francisco da Silveira Bueno).

“Oração principal é a que exprime o sentido mais importante.” (Marques da Cruz).

“Oração principal é a que traz para si como dependente outra oração”. (Rocha Lima).

Como falarmos em oração principal, se existe, no período, um processo de interdependência?

Se as orações seguem uma as outras numa ordem lógica de modo que uma ajuda na compreensão da outra?

À luz da Linguística Moderna, podemos questionar o processo de subordinação numa v são mais pragmática e semântica.

Segundo KURY, (op.cit.) a oração principal, se analisada sozinha, é uma oração truncada e desprovida de sentido, havendo, portanto, sentido quando considerar o conjunto.

Para BECHARA (op.cit.), no período composto por subordinação, há uma unidade oracional, em que a oração subordinada não passa de um termo sintático na oração complexa, sendo impossível separá-la do período.

que seja feliz é um termo sintático na oração complexa e funciona como objeto direto do verbo desejar, ocorrendo uma recursividade.

Separando a oração principal e a subordinada, nenhuma delas satisfaz as condições de sentido da oração.

O período composto por subordinação, como uma oração complexa, composta ou geral conforme classificavam José Oiticica e Souza da Silveira., não é, portanto, aconselhável a separação artificial entre subordinada e principal.

A Nomenclatura Gramatical Portuguesa eliminou a designação de oração principal sob o argumento de não fazer falta ao estudo desses processos e dar ensejos a duplas interpretações quer sejam no plano lógico quer sejam no plano gramatical. (apud. CUNHA & CINTRA 1985: 580).

Concordamos com BARRETO (op.cit) na subordinação, as orações são dependentes quanto à função e quanto ao sentido.

Trata – se de um processo de hierarquização, havendo uma dependência entre as orações.

Os conceitos de subordinação e de coordenação não são questionados por KOCH (op.cit) porque, “do ponto de vista semântico – pragmático, as frases que formam um período composto são necessariamente interdependentes”.

No processo de subordinação ou na oração complexa, temos termos representados sob forma de oração.

Baseados nos princípios acima, podemos afirmar que na subordinação há uma transposição, ou seja, uma unidade de camada superior – oração independente – passa a ser uma inferior, funcionando como membro de outra oração.

Assim só ocorrerá oração composta ou período composto quando houver coordenação (c.f. BECHARA).

As coordenadas são orações que se encontram, uma não é parte da outra. Só a coordenação tem a capacidade de relacionar orações, havendo o paralelismo.

A subordinação é um processo em que, na oração complexa, um dos seus termos funciona como oração, existindo assim uma oração ampliada.

Na maioria das gramáticas analisadas, encontramos o período composto por coordenação antecedendo o composto por subordinação.

Se o que ocorre é uma unidade oracional, na qual temos uma oração ampliada, justifica-se a subordinação anteceder a coordenação, já que segundo, AZEREDO, CARONE e BECHARA, o termo período composto é reservado à coordenação.

Segundo CARONE (op.cit), a coordenação forma sequências abertas e não sintagmas.

Para compreendermos como se relacionam as orações, seremos mais prudentes, se partirmos da subordinação para a coordenação, contextualizando – as no texto, por ser o recurso mais completo e adequado para as análises das relações na oração, haja vista a insuficiência da gramática frasal no que tange à apreensão e à interpretação dos fatos da língua. (c.f. Elisa Guimarães).

A metodologia de separar, conceituar e classificar as orações a partir de conectivos como fazem alguns gramáticos não possibilita uma análise coerente da conexão entre as orações que formam um período, ou até mesmo um texto.

Tal metodologia nos mostra um ensino fragmentado e voltado para a análise sintática a partir da nomenclatura e das funções consagradas pela NGB.

É necessário, aliados às aulas de sintaxe tradicional, considerarmos a integração entre a rede sintática (tessitura textual) e o fio condutor da mensagem (plano lógico – semântico).

Nesse processo, estamos não vendo só a sintaxe do texto, como também a semântica, observando a macro e a microestruturas nos planos linguístico e conceitual. (c.f. VAL – Redação e textualidade).

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---